O mundo num jardim

André Guedes recupera para o presente alguns traços fundamentais do pensamento utópico do século XIX

Texto João Carneiro

título designa "jardins que são abertos ao público para recreação". Diferenciam-se um pouco de outros jardins, por servirem de lugar de entretenimento, o qual pode incluir música, exposições, gastronomia e afins. O termo aplica-se tipologicamente a espaços que, no Reino Unido, florescem, essencialmente, a partir do século XVIII mas cujas raízes remontam, de facto, a épocas muito mais recuadas. A nocão está carregada de implicações sociais e políticas e, no caso do espetáculo de André Guedes, prende-se com a relação entre a história da emancipação da classe operária no século XIX e um conjunto de textos que incorporam essa temática de maneira produtiva e complexa. Louise Michel, William Morris, Paul Gauguin e Oscar Wilde são os autores cujos fragmentos textuais foram organizados dramaturgicamente para a construção de um espetáculo de ideias, mas de ideias que, partindo de textos, irradiam para um espaço onde as cores, os sons e a presença dos atores — Patrícia Andrade e Eduardo Breda — são cruciais.

O gamelão de Java, tocado por Elizabeth Davies e Jorge Oliveira, é a primeira fonte sonora do espetáculo. Só a seguir vem a voz. para dizer: "Só esta estrofe me ficou." O texto é de Louise Michel, figura central da Comuna de Paris, e faz parte das suas memórias de exílio na Nova Caledónia. O percurso textual de "Pleasure Gardens" desenvolve-se, se bem que de maneira não linear, a partir das descrições de Louise Michel e de Paul Gauguin, nas quais a natureza é crucial. O elemento político e ideológico insinua-se já, no entanto - "pedaços de papel queimado dos incêndios de Paris chegam aqui como borboletas negras", lembra Louise Michel; "a pouco e pouco, a civilização vai-se afastando de mim... Tenho todas as alegrias da vida livre, animal e

PATRÍCIA ANDRADE E EDUARDO BREDA NA PAISAGEM DE LUZES DE "PLEASURE GARDENS"

humana", escreve Gauguin, do Taiti.

Esta primeira parte, basicamente dominada pelo trabalho da memória e pela atividade de descrição - de línguas estrangeiras, de paisagens, de modos de vida extraeuropeus -, dá lugar, quase impercetivelmente, a uma componente verbal em que o elemento de crítica social se articula com uma visão utópica da sociedade. William Morris e Oscar Wilde são aqui autores centrais. A sobreposição do conceito de guerra e de competição comercial encontra-se com a denúncia de um cientismo cego ou com a estigmatização do trabalho braçal simplesmente degradante. A técnica deveria servir para libertar o homem, o Estado deveria fazer o que é útil, o indivíduo deveria ocupar-se simplesmente do belo. Em qualquer caso, a arte tem um papel fulcral, fonte de prazer e

PLEASURE GARDENS de André Guedes Kunsthalle Lissabon, Lisboa, 7, 14 e 21 de janeiro de 2012 possibilidade de transfiguração do real. Os "jardins de prazer" são assim a metáfora de um mundo organizado segundo princípios bons e justos, ou seja, um mundo belo.

"Pleasure Gardens", o espetáculo, é a materialização possível deste conjunto de ideias. As palavras e ideias dos escritores, de onde tudo parte, dão origem a um mundo em que a componente sonora tanto provém do gamelão - uma presença física importante, também, assim como a dos instrumentistas - como das vozes dos atores: a um mundo em movimento, não só dos corpos mas também das luzes, criadas por André Guedes de maneira tão simples como eficaz: trata-se de utilizar "recursos possíveis, à escala do humano", de dar a ver "o controlo do indivíduo sobre aquilo que ele faz". A